

A GRANDE homenagem. 105 anos depois.  
Jornal da Tarde, São Paulo, 14 jan., 1978.

## A grande homenagem. 105 anos depois.

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lança em fevereiro, provavelmente em Campinas e com a presença do ministro Euclides Quandt de Oliveira, um selo comemorativo dos 105 anos da ópera **Fosca**, de Antonio Carlos Gomes. Dois meses depois, após a abertura da temporada de 78, a Orquestra Sinfônica Municipal, reunindo artistas locais e da Capital, reapresenta pela segunda vez na cidade a principal obra do maestro campineiro. A primeira foi em 1873.

**Fosca** é apontada pelos críticos como a principal obra de Carlos Gomes. Para Mário de Andrade, representa o momento mais curioso da vida do compositor, "o ponto culminante que, se não decidiu sua vida, pelo menos foi decisivo para sua estética". Numa análise da ópera cujo tema envolve ciúme e vingança, Mário de Andrade destaca vários

pontos: "Corsários — é o que inicia e termina a peça. Adquire toda sua significação quando entoado pelo coro, com as palavras **No! No! um pirata alle sue promesse non può mancar!** Percorre numerosamente o primeiro e quarto atos, nos momentos em que está mais ou menos em jogo a acomodativa honradez da pirataria."

O segundo aspecto analisado por Mário de Andrade é a Escala dos Corsários — "este é um motivo condutor na mais legítima e wagneriana acepção do termo, onde apenas um movimento escalar ascendente serve para caracterizar a energia, a coragem, e a força de decisão do pirata. **Fosca implorante** — lindíssima frase vocal em que o temperamento bárbaro de Fosca, filha e mana de chefes corsários, se suaviza pelo mal de amor. Tem por isso, como arabesco, uma vaga parelência com a temática amo-

rosa de Paulo e Délia." Na descrição final de Mário de Andrade, aparecem "pontos de Fosca sinistra, raiosa, clemente, a perda de Paulo, Tema de Cambro e, finalmente, os primeiro e segundo temas dos amantes".

A estampa do selo comemorativo, ainda não divulgada, poderá ser de uma silhueta do maestro, embora no Museu de Carlos Gomes, do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, o setor especializado da EBCT pudesse conseguir melhores elementos. No museu, onde se encontram partituras, documentos e objetos pessoais do compositor, estudantes e musicólogos realizam periodicamente pesquisas sobre a vida de Carlos Gomes.

"Meu pai devia estar possuído de um grande entusiasmo incontido pelas cousas e pela vida, quando escrevera a protofonia do

**Guarany**, e foi naquele mesmo estado d'alma fulgurante que dera à luz a **Fosca**, a sua segunda produção artística de incontestado valor. Poucos meses antes havia Carlos Gomes cometido a temeridade de constituir família. A arte é a mais ciumenta das amantes: não admite rivalidades e de qualquer modo se vinga atrocemente quando os seus prediletos lhe opõem paralelos de amor e desvelo."

As considerações sobre a principal obra de Carlos Gomes, segundo os críticos, são da filha do maestro campineiro, Ítala Gomes Vaz de Carvalho em seu livro "Memórias de meus pais", que faz parte do acervo do Museu de Carlos Gomes, onde estão guardadas as mais importantes recordações do compositor. **Fosca** foi representada no Brasil, pela primeira vez, no dia 16 de dezembro de 1873, quando o maestro ti-

nha 37 anos de idade, numa récita dedicada ao seu irmão, José de Santana Gomes, também músico.

Antes disso, entretanto, ela já havia sido representada no Teatro Scala de Milão, porém "com êxito contestado", como diz Ítala.

A peça sofreu uma revisão em 1876, quando Carlos Gomes começava a trabalhar na ópera **Maria Tudor**, e foi reapresentada em 1878 com algumas modificações, no próprio Scala de Milão, quando foi cantada 15 vezes seguidas "salvando a temporada teatral do ano."

Segundo Ítala Gomes Vaz de Carvalho, **Fosca** passou a ser considerada um trabalho de mérito superior, pois "foi em **Fosca** que Carlos Gomes empregou pela primeira vez o **leitmotiv** que lhe valeria a acusação de ser wagneriano, um grande pecado numa época em que Wagner ainda era odiado na Itália".

A GRANDE homenagem 105 anos depois.  
Jornal da Tarde, São Paulo, 14 jan., 1978.

